

|                                                                                    |                  |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| INSTITUTO                                                                          |                  |
|  |                  |
| SOCIOAMBIENTAL                                                                     |                  |
| Fonte                                                                              | OESP             |
| Data                                                                               | 23/4/2000 Pg. 18 |
| Class.                                                                             | 1874             |

## Presidente da Funai diz que vai pedir demissão

*Ação da PM contra os índios "foi truculência pura", declara Carlos Marés*

**B**RASÍLIA – O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Frederico Marés, anunciou que pedirá demissão amanhã, em sinal de protesto à violência empregada pela Polícia Militar da Bahia contra um grupo de índios durante manifestação em Santa Cruz Cabralia, na manhã de ontem. "Foi truculência pura", desabafou, antes de deixar a cidade. "Não havia intenção de dissolver a marcha, mas de machucar as pessoas."

Marés participou de marcha com 2.500 pessoas, organizada por grupos indígenas de diversas tribos. O primeiro choque com a PM aconteceu às 7h30, quando os índios saíram em marcha. O confronto só teria sido contido porque o próprio Marés negociou com os policiais para que a manifestação prosseguisse, já que "era pacífica" e do conhecimento do governo.

Horas depois, entretanto, o clima de tensão cresceu e os policiais militares fizeram nova tentativa de conter a marcha, dessa vez agredindo os manifestantes com cacetetes. Os índios já haviam percorrido 8 quilômetros. A PM usou inclusive bombas de gás lacrimogêneo. Além dos índios, um assessor da Funai ficou ferido no confronto.

Carlos Marés, que vinha à frente com os índios, viu uma bomba explodir a seu lado e ficou com o corpo dolorido. "Não houve disposição para o diálogo", disse horas depois. "Os manifestantes corriam em desespero e eles (os policiais) corriam atrás, agredindo com cacetetes e lançando bombas. Só vi truculência como aquela em 1968, durante o regime da ditadura militar."